

Entrevista com Luís Pacheco o escritor "maldito" que guarda boas memórias de Santarém.

"O Herberto leu-me "Os passos em volta" nas Portas do Sol"

Acaba de publicar "Exercícios de Estilo" na Editorial Estampa. Chama-se Luís Pacheco e nasceu em Lisboa em 7 de Maio de 1925. Estudou no Liceu Camões ao lado de José Cardoso Pires, Jaime Salazar Sampaio e José Manuel Alemquer. Foi aluno de António Gedeão, Câmara Reis, João de Brito e Duarte Frazão. Foi o primeiro editor de José Cardoso Pires num jornalzinho do Liceu; publicou-lhe o conto "Aventuras do Mosquito Zig Zag" e pagou-lhe 5 tostões de direitos de autor. É considerado por muitos como um "escritor maldito" talvez o único escritor maldito na nossa actualidade literária. Com uma vida acidentada de autor (ficção, ensaio, memórias) e editor (Editora "Contraponto") Luís Pacheco retirou-se há dois anos para uma Casa de Repouso em Palmela. Foi lá, entre o cemitério e o castelo, que O MIRANTE o foi descobrir no seu repouso de guerreiro. Afinal retirado mas não inactivo, Luís Pacheco montou uma pequena Editora no seu quarto e, utilizando um ficheiro muito especial constituído por postais ordenados por um número de código (O MIRANTE é o 186), lá vai publicando e paulatinamente enviando os seus livros aos fiéis assinantes. O seu mais recente trabalho na Editora Contraponto chama-se "Praço de Validade" (dele falaremos mais tarde) mas o motivo imediato da nossa conversa foi uma edição recentíssima de um trabalho de 1971 ("Exercícios de estilo") numa edição devidamente revista e aumentada. Foi uma conversa franca e não estranha o leitor o à-vontade do diálogo: o repórter de O MIRANTE conhece Luís Pacheco desde 1966.

UM STAND A ARDER NA
FEIRA DO RIBATEJO...

O MIRANTE - Como é que surge esta edição dos "Exercícios de Estilo"?

LUÍS PACHECO - Depois das primeiras de 1971 e 1973 esta é especial porque inclui textos como "O caso das crincheiras desaparecidas", "Um conto por um conto" e "O libertino" que não faziam parte da primeira versão.

P - Quantos textos novos são ao todo?

R - São mais onze. E além disso aparece uma tradução, prefácio da Ana da Silva e uma

cronologia actualizada até 1998 também da Ana da Silva que é professora lá em Santarém.

P - A propósito. Reparámos que estás muito ligado a Santarém e que inclusive editaste lá um trabalho do Herberto Helder. Como foi?

R - Isso foi nos idos de 1958 e 1961. Eu ia muito a Santarém porque havia lá um grupo de malta ligada aos livros. Eu vivia nas Caldas e arranjava boleias para aparecer por lá.

P - Que grupo era esse?

R - Havia o Herberto Helder, o António José Forte, o Barros, o Neves que era ajudante de notário, o Oliveira que trabalhava

numa livraria de Santarém. Esse tem uma história muito curiosa...

P - Conta lá...

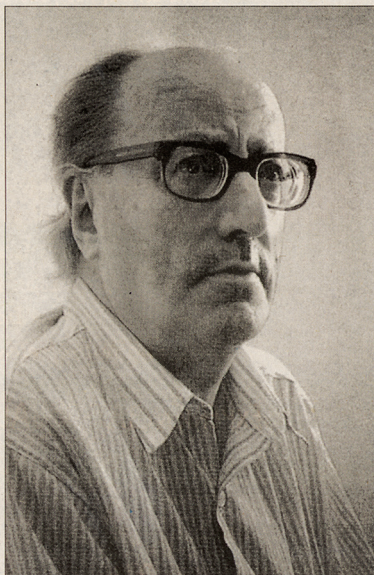
R - Foi o caso de esse Oliveira ter um stand na Feira do Ribatejo com a livraria. Houve um fogo e aquilo ardeu tudo. Com o dinheiro do seguro ele montou uma pequena Editora.

P - Pode saber-se como se chama a Editora, já agora?

R - É a Editora Antígona.

ESTAR NAS PORTAS DO SOL
E OUVIR O HERBERTO
HELDER ...

P - E sobre as edições do Herberto Helder como é que aconteceram?



R - Em 1958 "O amor em vista" foi congeminado em Santarém mas feito em Lisboa, mas em 1961 o "Poemato" foi mesmo editado em Santarém. Tem uma explicação. A tipografia foi-me porque o conhecia das Bibliotecas da Gulbenkian. Publiquei outra coisa em Santarém, mais tarde.

P - O que é que foi?

R - Um panfleto pago pelo António José Forte. Chama-se "O cachecol do artista". Foi em 1965.

P - Que memórias guardas da Santarém desses tempos?

R - Olha coisas bonitas como por exemplo estar nas Portas do Sol e ouvir o Herberto Helder a

dizer em voz alta só para mim os textos de "Os passos em volta". Foi um choque. Outra história é que quando estava apertado de massas levava livradinha de Santarém para as Caldas da Rainha e vendia à malta amiga nos cafés e não só.

P - Continuas ligado a Santarém?

R - Sim. A Ana da Silva está à dar aulas na Escola Superior de Educação de Santarém e vive na Marmeleira. Foi ela que fez a cronologia que vem no fim deste livro e a nota de apresentação. Outro dia fui visitá-la mas de uma maneira muito inesperada, mesmo muito inesperada.

P - Contalá essa viagem!

R - Foi no Domingo

Gordo e havia aqui no Lar uma brincadeira de

Camaval com a velharia mas eu aboreço-me com as coisas programadas, Natal, Carnaval, isso tudo. Desandei daqui e fui até Setúbal. Lá apanhei um expresso para Santarém. Quando cheguei à Rodoviária percebi que não havia camionetas para a Ribeira de Santarém. Telefonei à Ana da Silva e ela veio buscar-me. Foi um dia bem passado.

COZIDO À PORTUGUESA
COM CARNE DE GALINHA...

P - A propósito: como é que passas os teus dias no Lar?

R - Isto não é mau. O quarto que tenho é só para mim, estou à vontade, tem casa de banho privativa, o edifício tem muita luz mas não é nada agradável conviver com velharia quase em esta-

do vegetal.

P - E a comida? Come-se bem aqui?

R - Sim mas com um senão. Como os homens que mandam nisto são árabes não há carne de porco nem chouriços. Aparece o cozido à portuguesa com carne de galinha e vaca. É assim.

P - E visitas, recebe visitas com frequência?

R - Vem malta amiga para me ver, trazer livros, conversar. Almoçam cá comigo. Temos uma mesa para visitas. E recebo muitas cartas. Hoje recebi uma carta da Rita Ferro por causa do meu "Praço de Validade". Gostou.

P - Continuas com projectos para a Contraponto?

R - Agora ando às voltas com uma recolha de crónicas saídas em jornais mais concretamente no "Diário Económico". E ainda não desisti de editar as cartas do Padre José Agostinho de Macedo à sua Freira predilecta. Isto dá muito trabalho: fazer livros a partir de um quarto num Lar de idosos não é brincadeira.

Termina a entrevista. Luís Pacheco oferece ao repórter de O MIRANTE um exemplar de "Exercícios de Estilo" ainda a cheirar a tinta. Tinha passado um bom bocado de tempo com o almoço pelo meio: sopa, peixe no forno e uvas. Sem vinho porque os donos são árabes. No regresso a Lisboa uma imagem distante que encaixa com as das páginas deste livro: "Decerto esta cidade é a mais bela de todas as cidades do mundo. Ao pé da prisão, ali dos presos cotados, contando os dias, há um jardimzito e ali um miradouro, vê-se toda a cidade e como é grande como é bonita e para lá das últimas casas as searas e a mancha parda dos montados e dos olivais. You pelas ruas da cidade e sou toda a cidade."

José do Carmo Francisco